

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

Notícias de Guimarães

Composição e impressão:
A' Ex.ma
Sociedade Martins Sarmiento
Guimarães
— AVENÇA —

República!

Diz a Constituição Política da República Portuguesa, no seu artigo 5.º, que «o Estado Português é uma República».

No artigo 72.º acrescenta que o Chefe do Estado é o Presidente da República; e, depois, nos artigos 73.º, 74.º, 76.º, 77.º, 78.º, 79.º, 80.º, 81.º, 82.º, 83.º, 84.º, 98.º, 107.º, 108.º, 109.º, 112.º e 177.º o Chefe do Estado é sempre designado por Presidente da República.

No artigo 75.º está expresso que o Presidente no dia em que assume as suas funções usará, perante a Assembleia Nacional, de uma fórmula de compromisso que começa pela seguinte frase: «Juro manter e cumprir leal e fielmente a Constituição da República».

No § 6.º do artigo 109.º determina-se que revestirá a forma de decreto a nomeação do Procurador Geral da República. Ao Procurador Geral da República se faz referência também no § único do artigo 114.º.

Se nos dermos ao cuidado de ler no Diário do Governo o final de todos os decretos e leis que nele se publicam, verificamos que a data de todos é precedida das palavras «Paços do Governo da República».

Portanto, ninguém poderá duvidar de que Portugal está constituído em República e ninguém poderá recetar que seja grito subversivo dar-se vivas à República Portuguesa numa nação em que a sua lei fundamental se denomina Constituição Política da República Portuguesa e em que as leis dimanam dos Paços do Governo da República.

Viva, pois, a República Portuguesa!

E, se quisermos saudar o Chefe supremo da Nação, não o poderemos fazer melhor e com mais legitimidade do que dando vivas ao Presidente da República, porque o é de facto e de direito e, se o não fosse, não poderia chefiar o Estado.

Tudo isto vem a propósito do seguinte.

A não ser na Constituição da República Portuguesa e, todos os dias, no Diário do Governo, nunca, desde há bastantes anos, se ouviu ou leu mais a palavra «República»; e não só desapareceu dos textos escritos como também ninguém a pronuncia em discursos públicos; o país nunca é designado por «República»; é nação, é Portugal, é estado, é tudo... menos «República». Procura-se e consegue-se, porque é fácil, eliminar a palavra «República» do vocabulário nacional, fora do Diário do Governo.

O facto tem duas causas: uma absolutamente ridícula, que não prejudica, que a ninguém faz mal; a outra é, porém, profundamente desoladora, pelo que revela de incompreensão cívica, de carencia de personalidade, de medo.

A palavra República não pode deixar de ser desagradável àqueles que, seja qual for o motivo, não se sentem perfeitamente à vontade em regime republicano; e, sendo só por isso que a evitem, não temos que nos rir deles; a farsa está apenas na persuasão daqueles que julgam, e tantos são, que, por não escre-

verem ou pronunciarem «República», Portugal deixa de ser ou irá deixar de ser a República Portuguesa. Evidentemente, tão mesquinha forma de pensar define mentalidade e cultura que não merecem qualquer espécie de atenção séria; se não dessem vontade de rir, muito menos a dariam de chorar.

O mesmo se não pode dizer dos republicanos que não se atrevem a pronunciar a palavra «República», embora a tenham no coração, porque têm medo, porque julgam que é crime ou vergonha ser republicano dentro de uma República. Isto é que é desconsolador e necessita de ser enérgicamente combatido.

É absolutamente necessário lembrar e esclarecer que ainda existem milhares de portugueses dos que no tempo em que Portugal era uma Monarquia não se escondiam dos monárquicos para gritarem a sua fé na República e tiveram por fim a coragem e a audácia de a implantar e proclamar. E nesse tempo já havia cadeias, Timor era uma colónia longínqua e inhospita de Portugal, havia empregos, havia negócios, havia famílias para proteger e sustentar e, atenda-se bem a esta circunstância de formidável contraste com a situação actual, nesse tempo Portugal era uma Monarquia que tinha de se defender dos republicanos. Ora hoje Portugal é uma República; e, se os monárquicos têm a coragem moral, a dignidade cívica, que só os honra, de não esconderem a sua fé e de por ela se baterem, dentro deste regime que é republicano, em que situação de baixeza, de inferioridade, de incapacidade cívica se colocam os republicanos que têm vergonha ou medo de manifestar franca e altivamente as suas convicções republicanas?

Estamos em República; a República protege todos os portugueses; protege, portanto, os monárquicos, mas mais do que a estes, se é possível dentro do respeito pelos direitos cívicos individuais garantidos, sem privilégios ou distinções, pela Constituição, tem que nos proteger a nós os republicanos, porque nós somos a alma, o sangue e a força do regime político que instituímos.

Desfraldem-se, pois, as bandeiras da República, que são as da Pátria, nas nossas janelas em todos os dias de regozijo nacional; e orgulhem-nos de as fazer bater ao vento, porque o verde-rubro que ostentam são as cores da nação, da nação viva, da nação que se cobriu de glória na Rotunda, na Flandres, em Rovuma e em Monsanto, em toda a parte onde tem vibrado a alma da Pátria e se tem levantado ao alto o nome sagrado de Portugal.

Altivos, orgulhosos, bradem: Viva a República!

M.

UNIÃO NACIONAL

O sr. Adalberto Feio apresentou no dia 9 o pedido de demissão do cargo de Vice-Presidente da Comissão Concelhia de Guimarães da União Nacional, resolução de que nos deu conhecimento.

Conselhos a uma menina casadoira

E's nova. E formosa. E sonhas: — Via-láctea azul florida. Mas pra seres feliz, não ponhas Muitas certezas na vida.

Em viver o dia de hoje Assim pensas, flor e céu... — Beleza é fumo que foge, Fica o bem que se acendeu.

Casas é sonho que encanta, Como fim de ser feliz. E', quando é: porque há tanta Desgraça que se não diz...

Deixá-lo! Sonha acordada No azul dessa quimera!... — Mas na vida de casada Há mais dor do que se espera.

Quem t'o diz, sabe o que diz, Conselho que não é oco: A's vezes é-se feliz Apenas por querer pouco...

Terra-à-terra, à luz do luar, Edifica a tua casa: — Não é por alto voar Que voa melhor a asa...

Grande destino é ser mãe, O maior duma mulher. — Guia sempre para o Bem Os filhos que Deus te der.

E quando a neve cair Que te há-de importar a neve? — Não te pode consumir Quem mocidade já teve...

Podes sonhar. ¿Quem t'o impede? Mas tem medo de sonhar: — Mata-se melhor a sede Ao beber-se de pagar...

Eis o que quero dizer-te, Menina que vais casar. Olha que o sonho perverte, Como as sereias, no mar...

Vá lá mais uma verdade (Mas que ela não te esmague...): — Liberdade, liberdade, Não há nada que a pague...

(Inédito) — 1954.

A. G. RIBÁLDI.

Tenhamos confiança

Defronta, hoje, o Vitória um dos clubes mais representativos da 1.ª Divisão do Campeonato Nacional.

Esta circunstância, aliada à posição que o nosso grupo ocupa na classificação geral, pode oferecer motivo a certas apreensões...

Evidentemente que os clubes estão sujeitos, como a vida dos homens, aos altos e baixos, à maré de bonança e ao negrume das borrascas. Não importa. Quando há coragem, fé e confiança nas próprias possibilidades, tudo se vence.

De resto, não há razão para apreensões quanto ao futuro do Vitória. Estamos a pouco mais do que o início da prova máxima do futebol nacional e há tempo e probabilidades evidentes para uma recuperação merecida. Já não é a primeira vez que isto acontece e que o Vitória de Guimarães afirma o seu valor e a sua personalidade inconfundível através do País. Saibamos esperar e tenhamos confiança nesse grupo de rapazes valorosos que saberão mais uma vez, estamos certos, dar exemplo brilhante de comportamento desportivo.

Hoje lutaremos contra o Belenenses. Confiamos. Mas seja qual for o resultado, tenhamos fé no futuro.

CARTA A UMA SENHORA

Minha Senhora

Mais uma vez lhe venho falar de homenagens e como esta é a terceira etapa nesse sentido, prometo-lhe ficar por aqui até nova oportunidade, não só porque não gosto de me tornar importuno, mas ainda porque quer V. Ex.ª, quer os meus prezados leitores e ilustres leitoras poderão supor que tomei a resolução de massacrar uns e outros com o mesmo assunto ou, então, que resolvi alimentar o fogo sagrado desta secção jornalística com interminável rumo de pensamento. Ora, como eu não desejo que assim aconteça e como não costumo ir além dos meus sagrados deveres, apenas me interessa, no caso presente e em qualquer outro, juntar os meus aplausos aos daqueles que proclamam actos de justiça perante quem se tornar digno de merecida e devida exaltação. Dentro dessa ordem de ideias, aplaudi a iniciativa das homenagens a que me referi nas duas cartas anteriores e igualmente venho aplaudir a do distinto colaborador deste Jornal, sr. Elísio de Vasconcelos, que, longe da sua Pátria, mas sempre com o seu coração junto dela, se referiu, recentemente, no Jornal «Voz de Portugal», publicado no Rio de Janeiro, a dois modestos obreiros da instrução popular e dedicados Filhos de Guimarães, salientando a obrigação moral de lhes ser prestada condigna homenagem como Professores do Ensino Particular, gastando nesse Apostolado a melhor das suas energias e dispensando-lhe a mais fervorosa dedicação. De facto, minha Senhora, quem gasta uma vida inteira a fazer desabrochar pequeninos cérebros e a iluminar-lhes o espírito com a luz do entendimento, torna-se credor do respeito e da simpatia gerais. Esses Homens, dos quais, com certeza, V. Ex.ª já tem ouvido falar, são os Irmãos João de Deus e Luís Gonzaga Pereira. Dedicando-se, desde muito novos, ao Ensi-

no Primário (Particular) a sua acção como educadores tem constituído para muitas gerações a base preparatória para a abertura de largos horizontes abertos à luta pela vida e, portanto, a sua missão nesse sector social tem servido de farol àqueles que, aproveitando os seus ensinamentos e os seus conselhos, se encontram hoje a gozar o fruto desses tempos de gratas recordações, até mesmo daquelas em que a palmatória tinha de intervir. Sendo assim, será mais uma homenagem a saldar um dever de gratidão, tanto mais que a humildade também tem direito a ser exaltada. E posta neste pé a minha opinião a tal respeito, não quero perder a oportunidade de frisar o seguinte: Dos dois Irmãos, encontra-se ainda no exercício das suas funções, não obstante se aproximarem dos oitenta anos de idade e de 60 de serviço, o velho Mestre João de Deus e, como assim acontece, mais notável se torna a sua Obra de educador dentro daquele ambiente de Paz e de Caridade da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, a qual não o abandonará na invalidez, porque é seu antigo e dedicado colaborador, e a homenagem a prestar-lhe tornar-se-á mais significativa se por parte dos seus antigos alunos bem lançados na vida se juntar ao efeito moral dessa homenagem a lembrança material proveniente de um gesto de apreço e de simpatia por Aquele que no último quartel da vida, não tem outros recursos que não sejam os do seu trabalho quotidiano. Aqui fica, pois, a minha sugestão e como não é com frieza nem falta de entusiasmo que muitos pormenores da vida se podem resolver, fico convencido que V. Ex.ª acolherá com o calor da sua alma e o entusiasmo do seu coração mais estas oportunas considerações acerca de homenagens inteiramente justas, tanto mais que as paredes do edifício da virtude da gratidão não toleram a alavanca e o camarteio da destrui-

Saibam quantos...

A posse do novo Presidente Municipal esteve muito concorrida.

Aparatosamente concorrida. A esse acto oficial afluíram, além dos elementos representativos do nosso concelho, alguns representantes de concelhos vizinhos.

Descontado o que há de convencional e artificioso nestes actos, ainda assim, mesmo assim, fica a favor do novo Presidente um saldo de prestígio que aproveita à sua personalidade de homem público.

Com efeito o sr. Capitão de Magalhães Couto sendo cumulativamente Deputado, membro da Junta de Província, e agora Presidente do Município de Guimarães, é, sem contestação, uma personalidade política de vulto na sua terra.

Tudo isto, que é muito, envolve em si uma inerente responsabilidade.

Digo-o intencionalmente... Deve ter sido grato ao aposado o ver-se rodeado no acto da sua posse de tantíssimos concidadãos, conterrâneos e amigos.

Uma tal homenagem, se quer dizer simpatia, não pode deixar de exprimir — confiança. Confiança, como é evidente, na sua acção administrativa municipal.

Tantíssimos daqueles que não tomaram parte na parada do Governo Civil e mais nos Paços do Concelho, nem por isso estão de costas voltadas para o novo Presidente da Vereação Municipal.

E' o meu caso. Tenho o maior desejo que o sr. Capitão de Magalhães Couto dê relevo à sua gerência. Guimarães está cansada de se ver lograda nas suas expectativas de confiança. E' um estado de alma colectivo este desalento.

Ninguém, de certo, ousou fazer esta afirmação de desgosto no acto oficial da posse. Regra geral, os discursos desse acto solene são moldados em lisonjeria. Tudo são, nesse momento, encomiásticos louvores. Não obstante, os narizes de cera desses discursos estão desacreditados.

Embora muito palmeados, vasados em estilo gongórico, já não conseguem iludir ninguém.

Nesta hora de realizações e de positivação de ideias, o que a massa anónima do contribuinte municipal requer, é — factos concretos.

Factos reais, autênticos, que façam avultar a vida municipal, começando pelo seu despuramento.

O contribuinte municipal não corre atrás dos cortejos — aqueles cortejos que são peculiares aos actos de posse e no qual tomam parte, além dos elementos oficiais da obrigação, certas e determinadas figuras muito do nosso conhecimento, que sempre gostam de seguir atrás dos triunfadores do Poder.

Aqueles, porém, que não

ção nem o corte de relações com a reflexão e o critério humanos. Por tudo isto, minha Senhora, a homenagem de que lhe falo será mais uma demonstração do culto pela verdade e pela justiça.

Assim seja.

De V. Ex.ª
O. ven.ª e ob.ª

Outubro de 1954

X.

vão na cauda, que não tomam parte na procissão dos eleitos, nem por isso se isolam do sucesso.

A causa municipal é de nós todos.

Podem haver cépticos, de vibração frouxa, de alma fria; mas não há indiferentes na causa da governança municipal.

Todos desejamos ver que se faça o renascimento da nossa terra.

Agora que um novo Presidente surge, com ele surge, embora lucilante, uma tal ou qual expectativa de confiança. Confiança!

Por Deus, não a iluda, sr. Capitão de Magalhães Couto!

Falando por mim, eu aprego a minha dose de boa fé.

Sei que é esta a 3.ª experiência presidencial que nos vai oferecer o actual apossado.

Diz o povo, sempre ingénuo: que às três, tem vez!

Pois lhes contarei, senhores leitores, em que assenta a minha dose de boa fé.

Algo de edificante lhes contarei.

A. L. DE CARVALHO.

OS "OBREIROS" da Marcha

Vão receber os nossos aplausos no dia 6 de Novembro

A inscrição para o JANTAR DE HOMENAGEM pode fazer-se desde já

Como dissemos já, a festa de homenagem aos "obreiros" da Marcha Gualteriana efectuar-se-á no dia 6 de Novembro no amplo restaurante do Teatro Jordão, podendo a inscrição ser feita a partir de hoje na sede do Grémio do Comércio, na Redacção do nosso Jornal ou na Casa das Gravatas.

A Comissão que promove aquela festa, que é patrocinada pelo nosso Jornal, espera que os Vimaraneses contribuam também, com suas ofertas, para a colaboração que desejem oferecer, no dia da homenagem, em prol da construção da Casa da Marcha.

MONUMENTO

ALBERTO SAMPAIO

Deve realizar-se no dia 12 de Novembro próximo, a inauguração do monumento que a Câmara Municipal fez erigir nesta cidade à memória do insigne historiador Alberto Sampaio.

Oportunamente será tornado público o programa oficial daquela consagração.

NOVO MÉDICO

Na Faculdade do Porto concluiu brilhantemente a sua formatura em Medicina o sr. dr. Joaquim Luciano Cordeiro Torres, filho do nosso querido amigo e ilustre professor do Liceu Nacional de Guimarães sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres.

O novo médico vai especializar-se em Oftalmologia.

Apresentamos-lhe, assim como a seus pais, os melhores cumprimentos de felicitações,

ASPECTOS DO REGIMENTO 20 HÁ 50 ANOS

XIII

Toda aquela gente ia primeiramente cumprir as suas promessas, umas em dinheiro, outras em jóias de ouro e prata, braços, pernas e cabeças de cera, velas e círios, até algumas vezes juntas de bois, gordos e anafados, libras de ouro, «moedas» de D. João V, e as espirituais e corporais, como as de tantas voltas de joelhos ao Santuário, a de não comer e beber durante o trajecto e, a pior para as mulheres, de não falar até chegar junto do túmulo do Santo; os «amortalhados» coroados de rosas, de vela na mão, alguns de fartos bigodes, e que atravessavam o Tournal.

Tudo isto rendia, se não me enganar muito, uns três a quatro contos, além das libras, cordões e arrecadas de ouro, o que presentemente se pode multiplicar por mais de cem vezes, dado o valor do dinheiro de então.

As obras do Santuário lá iam caminhando pacatamente, como também agora sucede, e como as vi há uns dois meses que lá fui de passeio, após quarenta e tal anos de não ver o Santuário senão de Paçô, quando ali passo na camioneta.

Aquilo sempre tem quem se interesse pela continuação, ao contrário das célebres «ruínas», como já lhes chamam, da Câmara de Guimarães, sobre as quais pende misterioso tabú, documento patente aos olhos dos visitantes da incompetência, há vinte e tantos anos para cá, de resolver o problema, aliás no espírito de toda a gente, de as continuar para o fim principal, ou para outro equivalente.

Bom seria que, à semelhança das «Obras de Santa Engrácia», de Lisboa, aparecesse uma criatura que, fechando os ouvidos a comentários contraditórios, ouvisse apenas o seu bom senso para arrancar aquela obra ao miserável destino que lhe dá agora, e ingratamente, deve dizer-se.

A festa de Igreja era pela manhã, no Domingo, mas o arraial continuava intenso, remexido, naqueles ruidos da multidão alegre, cantante, dançante e já meio animada pelas repetidas libações dos amigos que se encontram inesperadamente, com exuberância de abraços, chapéu para a nuca e palmas das carinhosas esonoras nos respectivos costados.

Por aqui e acolá os vendedores ambulantes de fitas de nastro, ganchos para o cabelo, pentes dos «bichos», desbancados pelo D. D. T., cordões para o calçado, espelinhos redondos de encaixar, e uma coisa que nunca mais tornei a ver por essas feiras tão característica, e que foi a minha ambição até arranjar meio tostão para adquirir um relógio de sol com bússola, fio de prumo, com um chumbinho, o cordãozinho para dar a sombra da marcação das horas, e a rosa dos ventos, tudo dentro de uma caixinha de madeira, que se dobrava e prendia com um ganchinho amarelo.

E mais veladamente a isca, em comprido cordão, para os fuzis de pederneira, às escondidas dos tiscas da Fazenda.

O homem dos «barquinhos», creio que espanhol, baixinho, de pernas tortas, com a caixa cilíndrica a tiracolo, pintada de vermelho, quase do seu tamanho, a roleta no tempo, saindo de um a trinta barquinhos por cinco réis de cada vez.

Outro ainda que era a atracção da petizada e que desapareceu sem deixar rasto — o «Gregório», boneco de barra fixa, fazendo evoluções, «subida de frente», de costas, equilibrando-se conforme apertavam mais ou menos as hastes sobre que estava arquetado o brinquedo.

A «bolinha americana», cheia de serrim e presa a um elástico, a 10 réis e a vintém, tendo estas últimas mais um guiso amarelo.

Enfim, tantos brinquedos infantis, inofensivos e ingéniosos, que agora são os canhões, aviões, peças de artilharia, jeeps, pistolas e quejandas miniaturas feitas de plástico, que envenenam a infância destes tempos confusos.

A Romaria continuava cada vez mais animada, até que chegava a ocasião da Procissão.

Estas Procissões de aldeia, mesmo que fossem numa Romaria tão importante como a de S. Torcato, não tinham a imponência nem o brilho e solenidade das da cidade, por serem menos extensas, dado o número reduzido de Irmãos da Confraria, apresentarem alfaias mais modestas e os «anjinhos» um tanto ou quanto sobre o patêgo, sem aquela apresentação verdadeiramente real, o porte majestoso e o pisar solene das Rainhas do Céu das Procissões de Guimarães.

Mas no que elas sobressaíam era nos dois ou três andores armados, sobre carros, com panejamentos a encobrir as rodas e os homens, que por dentro deles os faziam andar vagarosamente, detendo-se aqui e acolá para uma Virgem, num fio de voz esganiçada, cantar os louvores do Santo, cujos passos mais importantes da vida eram representados em figurado, que elevava aquela máquina a três metros de altura.

Era esta a máxima atracção da

Romaria, esta e o fogo depois da meia-noite.

Atrás do Pálio, a música e um pelotão a fazer a guarda de honra, seguidos da multidão dos penitentes, que assim terminavam as suas «promessas».

Depois de recolhida a Procissão espalhava-se aquela gente, uns já a caminho de casa, outros que ficavam para a «noitada».

Naqueles dias de Julho de há cinquenta anos, não sei por que razão, parece que o calor apertava mais, o verão prolongava-se por mais tempo, havia dias mais seguros de sol, de modo que os sedentos «cascavam-lhe» mais no verde, e não havia ainda dessas «mijocas» de pirolitos, laranjadas e outras bebidas que por aí abundam e se gastam aos milhares de garrafas, como se não estivessemos num país vinícola, onde a cada passo se clama contra a crise... de bebedores.

Tudo corria na maior das alegrias e animação, quando de repente armava-se um «barulho», paus no ar, mulheres a gritar, homens largam o casaco, rapam do pau e vão acudir.

Naquela mó de gente abre-se uma clareira numa «varrimenta» de cacetes de meia dúzia de moços, que procuram campo largo para o combate dos seus adversários que os encurralam num círculo ameaçador de «lobos», manejados com alma e coragem e com o propósito de abrir ao «verde».

Sarilhos, pontuadas, paradas, «tau-tau, tau-tau», fintas e saltos, golpes à cabeça, guarda alta, resposta às costelas, aí andam eles tão encarniçados que já nem acusam os toques recebidos, sangue a escorrer-lhes pela cara, cada vez mais desvaivados, percorrendo a floresta de paus à procura de uma cabeça onde empregar o peso do seu «lodo», «tau-tau», procurando mais a ofensiva, aguentando sem desfalecimento as tremendas contusões, já «rachados» e sempre combativos, fazendo imaginar o que seriam os combates há séculos, corpo a corpo, com os pesados montantes, feridos, amolgados e sempre agressivos até à vitória final.

«A's ar...a...s...rmas» brada a sentinela aos sarilhos no fundo do escadório; correm soldados de todos os lados, o pelotão de prevenção «desensarilha armas», o corneiteiro toca repetidas vezes a «unir», num ambiente emocionante de expectativa de catástrofe.

O alferes marcha em acelerado, com os seus homens de baioneta armada, o que já de si infunde o pavor infantil das fscas e espadas desembainhadas, para o monte de gente que gritando rodeia os contendores.

A chegada da tropa nem sempre acalmava os ânimos, e recebida pelos mais atrevidos à ponta de pau, juntando-se às vezes os adversários na defesa comum, num estardalhaço de baionetas e paus que acabava sempre ou por mais reforço de tropa, ou por sentirem os efeitos das baionetas, pela rendição dos combatentes que lá iam escoltados até à sala dos baixos da casa da Confraria, prisão improvisada para estas ocasiões.

Um das ligaduras, tintura de iodo e arnica era o que bastava para pensar os feridos que, passados uns quartos de hora, com os seus antagonistas, já libertos e compostos, na primeira tasca bebiam de companhia algumas «meias» a combinarem novo desafio para outra Romaria, tão competentes da própria valentia e da coragem alheia, que nem se lembravam de contar os «galos» de parte a parte.

Juqueiros — Felgueiras, Continua. 4 de Outubro de 1954.

A. DE QUADROS FLORES.

ELEIÇÕES ADMINISTRATIVAS

Realizam-se hoje, como determina o código administrativo, as eleições para as Juntas de freguesia, acontecimento este que está despertando em algumas freguesias certo entusiasmo.

Sabemos que em algumas são apresentadas ao sufrágio mais que uma lista o que demonstra o interesse de servir.

Na cidade as secções de voto funcionarão, como de costume, nos seguintes lugares: Freguesia de S. Paio, nas Escolas Centrais; Freguesia de S. Sebastião, nas Escolas de S. Francisco; Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, no Liceu Nacional de Guimarães.

BRIQUETES PEJÃO

INDÚSTRIA — AQUECIMENTO — COZINHA —

A Competidora de Representações, L.^{da}

R. da Rainha n.º 115 — Tel. 4525 GUIMARÃES 598

INQUIETAÇÃO... LOJA DOS TABELADOS

Porque partiste num amanhecer tão doce?
Não viste como o sol beijava a Terra?
Nem reparaste nos meus olhos tristes?
Agora foi-se o dia...
E sinto-me amargurada,
Porque não voltaste!...

A noite chegou
E à minha volta tudo é solidão!...
Há sons misteriosos no bosque,
E as estrelas são gotas de luz
A iluminar meu pranto!...

Sinto que na tua alma há saudade
E que choras por mim também...

Porque não posso esquecer esta mágoa
E dormir sem saudade?...

E porque partiste?...

Silva Porto — ANGOLA.

M. L. MENDES SIMÕES.

NO MEU CANTINHO

No domingo, dia 10.
Entre agora nos oitenta e quatro.

Se o meu Agnelo o soubera, em vez de um Soneto Perturbante, mandar-me-ia um abraço mais singelo.

Na quinta-feira, 7, apreciei, duas vezes e golosamente, o meu Arnaldo de Azevedo Pinto, com o formoso Soneto em que a inspiração sobrepujava a tristeza, no *Jornal de Barcelos* e no *Diário do Minho* com o interessantíssimo Fundo «Na colheita de vinhos».

No Jornal da Matilde, duas Prisões.

Maria Eurydice a cantar um Herói indiano e J. M. de F. a parecer meu Procurador no Anseio pelo Além.

GERESINO.

Câmara Municipal

Em sua reunião ordinária de quarta-feira, a Câmara Municipal deliberou: conceder à Junta de freguesia de Nespereira o subsídio de 5.775\$70 para pavimentação e reparação do caminho daquela freguesia a Cerzedelo; abrir concurso limitado para aquisição de uma caminheta a óleo pesados para o serviço de obras municipais; aprovar o Plano de Actividades para o ano de 1955.

Funcionária dos C. T. T.

Retomou as suas funções na estação dos C. T. T. de Vizela, a sr.^a D. Idalina de Freitas Pires, que sempre se tem revelado funcionária competente e zelosa.

FIXE BEM

IMPERMIÁVEIS

"DAVITEX"
(DAVID)

Este ano apresentamos além dos conhecidos tecidos nacionais, em tecido muito fino fabricado na Inglaterra, assim como tecido Suíço.

Garantimos o Impermiável "DAVID"

SÍMBOLO DE BEM VESTIR
GARANTIA DE BEM SERVIR

Exclusivo de

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34

Tel. 40157

GUIMARÃES 592

SAL

Armazém Distribuidor devidamente legalizado

de DELFINA DE SÁ DIAS PEREIRA TELEFONE 40582

Rua Gravador Molarinho, 79 (próximo ao Tribunal)

O MAIOR E O MAIS ANTIGO DO CONCELHO 414

Consultem os nossos preços

LARGO DA CONDESSA DO JUNCAL GUIMARÃES

Procede a uma liquidação geral, vendendo todas as fazendas em "stock" com grande baixa de preços. Visitem este afamado estabelecimento, certificando-se da única ocasião que se lhes oferece de comprarem bem e barato.

Também se passa, dando-se facilidades com garantias. Entretanto, vai-se procedendo à liquidação, beneficiando-se assim o público consumidor.

544

TUBOS GALVANIZADOS!...

A Competidora de Representações, L.^{da}

É a única firma no concelho importadora de TUBOS GALVANIZADOS. Mas não os importa de parede reduzida, porque têm: Menos parede, menos peso e menos duração.

RUA DA RAÍNSA N.º 115 — TELEF. 4525

GUIMARÃES 415

SOCIEDADE DE CONCERTOS

«MOREIRA DE SÁ»

A Direcção desta Sociedade de Concertos iniciou já os seus trabalhos com vista à nova temporada.

Da sua acção muito há a esperar pelo que a nossa cidade continuará a manter o seu nível artístico e cultural.

Presidência da Câmara

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia esteve ante-ontem, ao fim da tarde, após a sua sessão ordinária, na Câmara Municipal, em visita de cumprimentos ao novo Presidente do Município, sr. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto.

DINHEIRO ACHADO

No quartel da G. N. R. encontra-se determinada importância, que foi encontrada na via pública e que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

DEBUXADOR

Debuxos para artigos de Seda e Algodão

APRESENTA ESTUDOS DE CRIAÇÕES ORIGINAIS

Desenhos para estamperia com ou sem misonetes, litogravura, litografia e todo o género de desenhos artísticos a óleo, aguarela, carvão, etc.

LUIZ GONÇALVES DE AZEVEDO

Rua da Rainha n.º 115 - 3.º - N.º

BRAGA 394

D. JOAQUINA LEITE MARTINS AGRADECIMENTO

Seu marido, filho e nora, procuraram agradecer a todas as pessoas que lhes manifestaram a sua solidariedade por ocasião do infausto acontecimento e àquelas que os honraram com a assistência ao funeral da extinta e bem assim à missa do 7.º dia do seu falecimento. Receando, porém, terem incorrido em alguma falta principalmente por desconhecimento de endereços, vêm por este modo, publicamente, manifestar a sua indelével gratidão a todos quantos os distinguiram com a sua amizade.

Guimarães, 16 de Outubro de 1954.

Manuel Martins Fernandes 419

António Leite Martins Fernandes

Joaquina Maria Rodrigues Barros Mesquita Fernandes.

Correcção da aridez das terras

CALAGENS

A Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, por intermédio do Posto Agrário de Braga e em colaboração com os Grémios da Lavoura, vai iniciar mais uma campanha em benefício da agricultura minhota: a das calagens.

As nossas terras são deficientes em cal de onde resultam graves inconvenientes não só para a nutrição de muitas plantas como também para o bom e integral aproveitamento das adubações orgânicas e químicas que se lhes fazem.

O cálcio vale não só pelo alimento que fornece às diferentes culturas, mas também como mobilizador de produtos que a terra possui e que estão inativos no solo.

Os lavradores que estejam interessados nas calagens devem inscrever-se nos respectivos Grémios de Lavoura onde preencherão, por cada campo ou grupo de campos com características semelhantes, um boletim.

O preço do calcário moído, produto que vai ser utilizado para fazer as calagens, é de 164\$00 por tonelada posto na sede dos Grémios da Lavoura, e o Estado contribui com 50%, isto é, o lavrador paga somente 82\$00 por tonelada de carbonato de cálcio moído que empregar.

A dose média, nas nossas terras, será de 2 a 3 toneladas por hectare, determinada exactamente, a partir de análises que os Serviços Agrícolas Oficiais farão em todos os casos.

E' condição, para que seja concedido o subsídio, que o interessado adube convenientemente as suas terras com estrume e adubos e se proponha fazer as culturas segundo as indicações por nós aconselhadas e que são:

Lavouras mais fundas e mais cuidadas; Adubações mais copiosas e equilibradas; Sementes seleccionadas, mais produtivas; Amanhos mais bem feitos e a tempo e horas.

Viajante

Conhecendo todos os armazéns das Beiras, Trás-os-Montes e Estremadura, aceita representações à comissão, de qualquer artigo.

Resposta a este jornal ao n.º (412)

Crime repugnante

No regato que passa na rua da Ramada, desta cidade, foi encontrado um feto que deve ter cinco meses de gestação e pertence ao sexo masculino.

Procede-se a averiguações. Oxalá se descubram os autores do repugnante crime, para que sejam, como merecem, severamente punidos.

PARA REALÇAR A SUA ELEGANCIA

"DANIMAC"

Impermeáveis Ingleses para senhora talhados na Inglaterra por "DANIMAC"

Exclusivo de

A IMPERIAL

Rua de Santo António, 32-34

Tel. 40157

GUIMARÃES 591

CASA ESTRELA SAPATARIA

Rua de S. Dâmaso, 121-123 Junto à Mariaqueira) 185

Consertos e limpezas de calçado Calçado novo e por medida

Mande consertar calçado nesta Casa.

CASA DAS NOVIDADES

LIVRARIA E PAPELARIA

RUA DA RAÍNSA, 105 GUIMARÃES

PAPELARIA: Completo sortido de todos os artigos.

LIVRARIA: Todos os livros para o Ensino Primário e Secundário.

CANETAS DE TINTA PERMANENTE: O mais completo sortido aos melhores preços. Vendas a Pronto e a Prestações com bônus. GRAVAÇÃO DO NOME, FEITA GRATUITAMENTE, NAS CANETAS DE PREÇO SUPERIOR A 25\$00.

PASTAS E MALAS ESCOLARES: Completo sortido aos melhores preços.

RECEPTORES DE RÁDIO: Agente neste concelho das famosas marcas TELEFUNKEN e A. E. G.

Grande sortido de Figurinos para Senhora e Criança; Revistas nacionais e estrangeiras; artigos para escritórios, trabalhos tipográficos, carimbos de borracha e metal, etc., etc.

ESTA CASA VENDE TODOS OS ARTIGOS PELOS MELHORES PREÇOS. 595

DESCONTOS ESPECIAIS AOS EX.^{mos} PROFESSORES, ESCOLAS E COLÉGIOS.

PASSA-SE Mercaria bem situada com cereais e vinhos. Nesta redacção se informa. 417

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos: No dia 18, o nosso amigo sr. Tomás Rocha dos Santos e a sr.ª D. Emilia Vinagreiro; no dia 19, o menino José Manuel Machado Ferreira, filho do nosso bom amigo sr. Joaquim Ferreira, e os nossos prezados amigos srs. Domingos António Leite Freitas Fernandes, José Francisco Rosas Guimarães, presidente da Junta de Turismo das Taipas, e Augusto José Mendes Ferreira da Cunha; no dia 20, os nossos bons amigos srs. Luis Xavier de Carvalho, António José da Costa, Francisco d'Aguiar e Gaspar da Silva Ribeiro Calixto; no dia 21, os nossos bons amigos srs. João de Oliveira Simões e Manuel Soares de Oliveira; no dia 22, os nossos bons amigos srs. António da Silva Martins e P.ª António Alberto Ribeiro; no dia 23, as sr.ªs Condessa de Paço Vitorino e D. Alice de Barros Martins Ferra, esposa do nosso bom amigo sr. António Ferra, e os nossos prezados amigos srs. Augusto Joaquim da Silva Guimarães e Eduardo Pereira Gonçalves; no dia 24, o nosso amigo sr. Fernando Mendes de Oliveira. «Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Padre Domingos José da Costa Araújo -- Felicitamos muito sinceramente este nosso respeitável Amigo e Ilustre Colaborador pelo seu 83.º aniversário natalício, ocorrido no pretérito dia 10 e formulamos nossos melhores votos pela continuação de sua preciosa saúde.

No dia 13 fez anos a menina Zulmira Baião Marçal Alpoim, estremeçada filha da sr.ª D. Balbina de Sá Alpoim de Meneses Marçal e do sr. José Baião Marçal, residentes na cidade da Beira, e neto da sr.ª D. Modesta de Sá Alpoim de Meneses e do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses. Muitos parabéns.

CASAMENTO Na capela de Nossa Senhora dos Chãos, em Bitarães, consorciaram-se no dia 2, a sr.ª D. Maurícia Carvalho Ferreira Pedro, filha da sr.ª D. Olímpia Carvalho Pedro Luças e do sr. Adriano Ferreira Pedro Luças, e o sr. José Joaquim Torcato Ribeiro, filho da sr.ª D. Antónia Soares Torcato Ribeiro e do sr. Eduardo Torcato Ribeiro, já falecido. Testemunharam o acto, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, seus tios o sr. Joaquim da Silva Xavier e esposa a sr.ª D. Maria Aurora Torcato Ribeiro Xavier. Foi celebrante o rev. pároco de

Matosinhos, acolitado pelo rev. Abade de Bitarães. A os noivos desejamos as maiores venturas.

Partidas e chegadas

Das suas propriedades de Guimarães regressou com sua família à sua Casa de Meilão, em Aguas Santas (Ermezinde), o nosso querido amigo sr. doutor António Paúl. — Regressou da sua casa de Gondomar a Lisboa o nosso querido amigo e contrerrâneo e ilustre Pintor de Arte sr. Abel Cardoso. — Com sua família regressou do Arco de Bailhe a Mirandela o nosso prezado amigo sr. Mário de Barros Ferreira. — Tem estado nas suas propriedades em Silveiras a sr.ª D. Valdemira dos Prazeres da Silva Penafort Bastos. — Com sua esposa tem estado nesta cidade o nosso estimado contrerrâneo e amigo sr. António Pereira de Freitas, residente em Lisboa. — Com sua esposa encontra-se em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa. — Também está em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Alberto Pimenta Machado Júnior. — Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. António Alberto Pimenta Machado. — Deu-nos o prazer de sua visita o nosso distinto colaborador e amigo sr. Domingos Soares, do Porto. — Com sua família esteve nesta cidade, tendo já regressado a Lisboa o nosso prezado contrerrâneo e amigo sr. Verotídio Ferreira. — Com sua família regressou de Viseu a Lisboa o nosso bom amigo sr. Pedro Pereira de Freitas. — Esteve em Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Maria Machado Vaz. — Com sua esposa regressou de Lisboa, onde fora em viagem comercial, o nosso prezado amigo sr. José da Silva Palmeira. — Deu-nos o prazer da sua visita o nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. A. L. de Carvalho. — Com suas famílias regressaram de S. Cláudio do Barco os nossos bons amigos srs. Gualdino Pereira, António José Paredes e dr. José Gonçalves. — Tem estado com sua família a passar uma temporada nas Taipas o nosso bom amigo sr. António Alves Ribeiro Gomes de Abreu.

Doentes Têm passado incomodados os nossos bons amigos srs. Manuel de Oliveira Cosme e António Augusto Meireles de Freitas. — Do Hospital da Misericórdia, onde foi submetida a uma melindrosa operação, regressou a sua casa em vias de restabelecimento, a sr.ª D. Maria Alice Machado Pinheiro de Almeida Ferreira, esposa do nosso amigo sr. Benjamin de Almeida Ferreira. — Tem passado doente o nosso prezado amigo sr. João Ribeiro Dias, proprietário do Paço, em Fermentões. — Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. Joaquim Ribeiro da Silva. — Encontra-se doente o nosso prezado amigo e distinto Advogado sr. dr. José Pinto Rodrigues. Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

De luto Pelo falecimento de uma sua irmã, ocorrido na V. O. T. de S. Francisco, guarda luto o sr. Manuel de Freitas Guimarães, guarda-livros da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, a quem apresentamos condolências.

Vida Católica

Horário das Missas aos Domingos e Dias Santos nos Templos da Cidade

Basílica de S. Pedro, às 6 horas (Missa das Almas), 10 e 12; Igreja de N. S.ª da Oliveira, às 6, 7, 8, 9 (Missa da Catequese) e 11; Santuário de N. S.ª do Perpétuo Socorro (Rua de Santa Luzia), às 6,30, 7,30, 9, 10 e 11,30; Igreja de Santo António dos Capuchos (Hospital da Misericórdia), às 6 e 9,30; Igreja da V. O. de S. Francisco, às 7 e 12,45; Capela da V. O. T. de S. Domingos, às 7 e 9 (Missa da Exposição, seguida de Lausperene até às 11); Capela da Casa dos Pobres, às 7,30; Igreja da V. O. T. do Carmo, às 7,30; Igreja da Misericórdia (servindo de paróquia de S. Paio), às 8, 10 (Missa dos estudantes) e 11; Igreja de S. Sebastião (Domingas), às 8, 10,30 e 12; Igreja dos Santos Passos, às 8; Capela de Santo António d'Arcele, às 8; Capela das Oficinas de S. José (Capuchinhas), às 7,15; Capela da Cadeia Civil, às 9; Igreja de S. Damaso, às 9,30.

Notícias de Guimarães n.º 1188--17-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial

ANÚNCIO 2.ª publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo da comarca de Guimarães, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados António da Cunha e mulher Emilia Fernandes da Silva, proprietários, do lugar do Soutinho, freguesia de Santa Maria do Souto, desta comarca, para no prazo de dez dias, depois de findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução sumária que contra os ditos António da Cunha e mulher move Joaquim Correia de Matos, casado, do lugar do Tapado, da mesma freguesia. Guimarães, 8 de Outubro de 1954. O Juiz de Direito, 405 Valdemiro Ferreira Lopes. O Chefe de secção, Albino Leite da Silveira.

Teatro Jordão

NOITE, N.ºS 15 E N.ºS 21 HORAS APRESENTA A ESTRELA com Bette Davis. As orquídeas, as peles, os diamantes... que outrora distinguiram a actriz, desaparecem... e nada mais resta do que a mulher! (Espectáculo para maiores de 18 anos)

TERÇA-FEIRA, 19--N.ºS 21 HORAS Agustina de Aragão com Aurora Bautista-Virgílio Teixeira. Um filme impagável, heróico e empolgante. (Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 21--N.ºS 21 HORAS A ÓPERA DOS MENDIGOS com Sir Laurence Olivier e Herbert Wilcox. O filme escolhido para estreia nas Festas da Coroação. (Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 23--N.ºS 21,30 HORAS Em Sessão Popular OIRO DA DISCÓRDIA com Randolph Scott-Lucille Norman. (Espectáculo para maiores de 13 anos)

Notícias de Guimarães n.º 1188--17-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial

ANÚNCIO ÉDITOS DE VINTE DIAS 2.ª publicação

Pelo juiz de direito desta comarca e primeira secção do primeiro juízo da mesma comarca, nos autos de execução de sentença que a Fábrica de Calçado Conquistador, limitada, com sede na rua de Santo António, desta cidade, move contra Maria Rita Bento, viúva, comerciante, que usa a firma «Viúva de Manuel Bento», moradora em Fagarda, comarca de Coruche, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos da executada, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na dita execução, nos termos do disposto no artigo oitocentos sessenta e quatro, do Código do Processo Civil. Guimarães, 2 de Outubro de 1954. Verifiquei. O Juiz de Direito, 405 do 1.º Juízo, Adriano Filipe Afonso. O Chefe da secção, Alberto Fernandes Carreira.

Notícias de Guimarães n.º 1188--17-10-1954

COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial

ARREMATÇÃO 1.ª publicação

No dia 30 do corrente mês de Outubro, pelas 11 horas, no tribunal judicial desta comarca, vai à praça, a fim de ser arrematado pelo maior preço oferecido acima do seu valor matricial, o seguinte prédio penhorado na execução de sentença requerida por Margarida da Silva Gonçalves, também conhecida por Margarida Gomes, e marido Abílio Machado, do lugar do Passal, freguesia de S. Salvador de Briteiros, contra sua mãe e sogra Ana Gomes, viúva, do lugar das Travessas, freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, no inventário orfanológico por óbito de Manuel da Silva Gonçalves, morador que foi na mesma freguesia de Santa Leocádia de Briteiros. Imóvel sito nesta freguesia de Santa Leocádia de Briteiros O assento do casal das Travessas, composto de casas, cortes, eido, alpendre, terras de horta, uma leira denominada da Eira e mais pertencências, descrito na Conservatória sob n.º 9207 e inscrito na matriz urbana sob o art.º 126 e na rústica sob o artigo 724. Vai à praça pelo seu valor matricial de 16.440\$00. Guimarães, 8 de Outubro de 1954. O Juiz de Direito, 411 Valdemiro Ferreira Lopes. O chefe de secção, Albino Leite da Silveira.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

«CARI» Casimiro Ribeiro Obras Públicas e Edificações Gerais TELEFONE 4609 PEVIDÉM End. Teleg. CARI 60

LETRA EXTRAVIADA

AVISO

Previno os Bancos, casas bancárias e capitalistas para não transaccionarem uma letra em branco, com o meu aceite, no valor de 3.000\$00, cuja letra foi paga por mim e a qual considero perdida ou roubada. Caso seja presente para ser descontada, peço o favor de efectuarem a sua apreensão. Quinta da Carreira de Baixo, S. Martinho do Conde— Guimarães, 20 de Setembro de 1954. Manuel da Silva Guimarães. 385

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

Ofertas e Procuras

ALUGA-SE Casa com 7 divisões, garagem e pequeno quintal, situada na rua da Arcele. Falar com o seu proprietário — António Fernandes — Campo de S. Mamede, Guimarães. Telefone 4588. 401

DINHEIRO PRECISA-SE 100.000\$00 por hipoteca assunto a tratar com o próprio. Resposta à Redacção às iniciais R. R.. 408

PENSÃO PORTUGAL Passa-se por motivo de retirada. Óptimas instalações, muita clientela. Tratar com o proprietário ao Largo João Franco, 19. Telef. 40456 — Guimarães. 407

VIAJANTE Oferece-se para calçado, homem, senhora e criança, à comissão. Beiras, Trás-os-Montes e Estremadura. Resposta a este jornal ao n.º (415)

Casa para alugar Aluga-se uma casa na rua D. João I — 250, de dois andares. Falar na mesma ao proprietário. 418

Peregrinação pelo Termo de Guimarães

«A história do povo é a história das Instituições municipais» Gama Barros.

A' Ex.ª Câmara Municipal Of. EDUARDO DE ALMEIDA. II

tos de 29-Dezembro-1846 e 17-Fevereiro e 11-Agosto-1847) também de seis, naquela estabelecido. Ora, sendo postos em arrematação os foros cobrados pela Fazenda, ou na remissão dos Foros pagos à Fazenda, a novas ralhadeiras e conflitos — como no alcance dos direitos adquiridos pelo arrematante — se prestara ensejo. Cumpre finalmente notar que, além da confusão que se pretendeu estabelecer entre verdadeiros aforamentos e os emprazamentos, e a de muitos foreiros de prazos na ânsia de se libertarem do ónus enfiteutico — e pode marcar-se, na vida forense, esse período como o da origem da campanha aberta, claramente ou surda, contra a vigoraça desse contrato e o da gradual relaxação no pagamento —, por virtude de várias disposições da lei de 46, relativas a emprazamentos (como as dos arts. 12, 13, 14 e 15, entre outras), de certo modo se começou a alterar o direito até então estatuído quanto aos prazos, o que maiormente veio a influir na economia agrária. Que, na verdade, o problema estava posto: entre os bens da coroa, eram uns de aforamento e emprazamento outros. No art. 3.º do Decr. de 32 dizia-se — ...os forais dados às terras do reino, ou pelos reis, ou pelos donatários: e os foros, pensões, quotas, rações certas e incertas, laudémios, ltuosas, e mais direitos e prestações de qualquer denominação que sejam, impostos pelos reis, ou pelos donatários em virtude de suas respectivas doações, ou pelos forais, ainda que estejam reduzidos a emprazamentos ou sub-emprazamentos, ou a censos, são por sua natureza revogáveis». E, na parte final do art. 4.º: «Os direitos, foros, pensões, e mais prestações enumeradas no art. 3.º e impostos pelos donatários ou pelos forais, são verdadeiros

tributos e contribuições que nem todos pagavam, nem de todas as terras, e não podem continuar a subsistir». A' confusão enorme a que tais regras deram lugar procurou-se atalhar com as dos n.ºs 1.º e 2.º do art. 4.º e art. 6.º da lei de 46, mas não por forma completa, como se verificou até... se esgotar a paciência e o dinheiro de muitos interessados e dada a penúria de outros, talvez os mais cheios de razão, para se valerem da lei. Assim se explica o aliás justificado alarme com que os civilistas mais de perto — pelo continuado trato no uso forense — conhecedores dos vários conflitos de interesses na vida real em suas relações do direito, até então vigente, com as vicissitudes da cultura agrária, viam sob tão fortes camarteladas a séria ameaça de ruir a secular estrutura da propriedade e da lavoura, sem dúvida alguma alicerçada nos aforamentos e nos emprazamentos. Fora ela que resistira aos flagelos de fome, peste e guerra; à incerteza das ameaças, sob as tempestades assoladoras da natureza e as não menos furiosas devastações dos homens. São de João Pedro Ribeiro estas palavras, escritas ou publicadas em 1835, que bem resumem e definem aquele estado de espírito: «Não podia esperar que ainda chegasse a ver neste século inculpada a enfiteuse, preferindo-lhe a qualidade alodial. Ingratos, se não ignorantes! que não reconhecem, que se hoje comem uma fatia de pão propuzido em Portugal, e não dos Países, de que têm saído Romances de Economia, que os deslumbram, o devem a que os latifúndios adquiridos na conquista do Reino se chegassem a subdividir até o ponto, a que os levaram os Emprazamentos». E grita: «Que o estado enfiteutico deste Reino não prejudica, antes promove a Agricultura». A prova? «A Província do Minho pode dizer-se quase toda enfiteutica: o seu terreno comparado com as outras do Norte e as do Sul do Reino não as vence em qualidades próprias para frutificar, e contudo as vence na produção, opulência e população, atenta a sua superfície». Quando um filho de Lavrador Minhoto chega à idade proporcionada, entrega-lhe a fazenda, casa-o, e, não desamparando o casal, indemnizados os outros filhos, destina-os a vida laboriosa. E tem bois, vacas e novilhos. As mulheres, grossas arrecadas e adornos de ouro.

Continua.

Sob estas condições meteorológicas do clima social mais claramente nos apercebermos do que pela simples intuição histórica, das acções e reagências, provocadas por uma das medidas havidas como no fundamento da transição e mudança de um mundo antigo para o novo. A elas acrescentamos, voltamos à repisa, o embaralho nos efeitos jurídicos consequentes, de largo e demorado reflexo nos quadros forenses. Uma só nota a mais: ainda, em 1856, a Relação do Porto, em Acórdão de 16 de Maio, julgava que o arrematante de um foro, que pertencera à Fazenda Nacional, só adquirira sua posse e domínio e não qualquer outro direito dominial, como o da opção das terras do prazo! Doutrina vigorosamente combatida pelo notável advogado Marcelino de Matos: «quem tiver o direito de receber a pensão, há-de necessariamente ter também o direito de optar para exercê-lo nos casos e pelo modo determinado pelas leis, assim como há-de ter os demais direitos e faculdades inerentes à qualidade de senhor directo.» (Revista de Jurispr., ano I, n.º V, Abril de 1857). Correia Teles, o jurisconsulto insigne, escreveu: «A excepção mais frequente, a que nos nossos tempos recorrem os foreiros, é a de dizerem que o foro está extinto pelo Decreto de 13 de Agosto de 1832; Decreto que infelizmente produziu tantas demandas, como ele tem de letras.» «E' quase impossível averiguar quais os bens originariamente da coroa, e quais os que esta adquiriu por títulos derivatórios.» E fala nas renovações dos prazos foreiros à Fazenda Nacional e da celeuma também levantada (Decr. de 26-Novembro-1836, Portarias de 26-Março e 11-Junho-1839 e Lei de 26-Março-1845). — J. H. Correia Telles: Adições à Doutrina das Acções — Coimbra, Imp. da Univ., 1850. Pois, conexa com os bens da coroa, cuja individuação era já motivo de muitas divergências e concurso de pleitos (embora alguns donatários, à cautela, se houvessem prevenido, vendo os ares turvos, e acautelado com os tombos ou demarcações), havia as suscitadas pela obrigatoriedade da remissão, que, de facultada na Lei das Constituintes Vintistas, se tornara «voluntariamente» como obrigatória (art. 10 e seg.) pela Carta de Lei de 46, sendo, pela de 13-Julho-1848, por mais seis meses dilatado o prazo (Decre-

DESPORTO

O caso do Caraca

Não sabemos, no momento em que escrevemos, o desfecho final que teve o pedido de transferência de Caraca para o Lusitano de Évora. Seja, porém, ele qual for, podemos desde já afirmar que a lei, tal como está estabelecida, permite facilidades para uns e cria dificuldades para outros. É tudo função de redes de influência.

É pena que assim seja. Não é a primeira vez que o Vitória de Guimarães vê abandonar o Clube um seu jogador debaixo da protecção dessa lei. Tivemos Curado, que foi estudar para Coimbra, aos 28 anos, e jogar na Académica; tivemos Custódio, que foi para funcionário da Câmara do Barreiro, quase analfabeto, e jogar no Barreirense; tivemos Teixeira da Silva, que foi para funcionário público, em Évora, e jogar no Lusitano. Teremos agora Caraca transferido ao abrigo da mesma disposição da lei?

Caraca foi colocado em Mourão, a 80 quilómetros de Évora, como servente. Estará ele em emprego público justificativo de transferência futebolística, pois não possui sequer exame de 2.º grau? Se está, temos justificado motivo para ficarmos alarmados quanto ao futuro do nosso clube, se não viermos a utilizar métodos análogos.

Mas além de tudo o mais é preciso frisar que quem nos tenta, pela segunda vez, levar por este meio um jogador de futebol, que nos pertence, porque o adquirimos com o acordo do clube onde anteriormente estava inscrito, é uma agremiação desportiva que parece não ter pelas suas congéneres o respeito leal que estas lhe devem merecer. Para quem assim procede, somente um caminho há a seguir: — O corte imediato de relações.

Lembramos, finalmente, que no mais alto cargo desse clube está um homem cuja certidão de nascimento afirma ter nascido em Guimarães. Mesmo querendo dizer-nos que se encontra afastado da sede do clube e, portanto, fora da sua influência, nós bem sabemos que está sempre presente em todas as suas manifestações associativas e, assim, podemos daqui afoitamente afirmar que o julgamos um vimaranense que traiu a terra onde nasceu.

UM DE NÓS.

"O NACIONAL" DE JORNADA A JORNADA

COVILHÃ, 2 — VITÓRIA, 1

De uma surpresa a outras ainda maiores...

Por mais que se diga que uma equipa tem capacidade para conseguir determinados resultados, a contingência do jogo de futebol faz, domingo a domingo, espantar aqueles que se interessam por este desporto. Os adeptos do Vitória, que tão admirados ficaram com o resultado contra a Cuf, puderam verificar, logo no domingo seguinte, que a bola é mesmo assim e, se não o fosse, talvez não lhes despertasse tanto interesse. Os resultados da última jornada que foram Covilhã, 2-Vitória, 1; Braga, 4-Atlético, 2; Lusitano, 2-Boavista, 1; Porto, 2-Barreirense, 0; Belenenses, 1-Setúbal, 2; Sporting, 0-Académica, 1; Cuf, 0-Benfica, 1, demonstram cabalmente que não se pode antecipadamente predizer a vitória ou a derrota de qualquer equipa. Por isso nunca acompanhemos os pensamentos extremistas daqueles que lançam sentenças de morte ou de glória quando a sua equipa favorita alcança a derrota imprevisível que não estava nas suas contas ou consegue o triunfo sensacional que nunca esperavam. Mas na generalidade não se pensa assim... É um fenómeno de todas as terras e de todas as gentes. Mas aqueles que se obrigaram a transmitir ao leitor as suas impressões de jornada a jornada têm de não se deixar contaminar pelos momentos eufóricos ou pelas horas tristes que vivem os adeptos. É a nossa posição.

Ainda no último domingo exigia-se da equipa do Vitória, talvez em compensação dos pontos perdidos com a Cuf, um triunfo contra a Covilhã. Não trataram os adeptos de analisar as circunstâncias em que se encontrava o adversário que nos defrontava. Uma derrota para ele seria a contingência certa da despromoção e logo o seu estado de espírito era de desejo de triunfo custasse o que custasse. Por isso se nos apresentou sempre difícil o jogo no Tortozendo que, frize-se, é uma localidade tão próxima da Covilhã, como as Taipas o são de

Guimarães. Ainda para dificultar mais uma possibilidade de bom resultado para os locais, o seu adversário marcou logo no primeiro minuto da partida. E todos nós sabemos que uma bola de vantagem dá logo vontade e anima a pedir mais golos... Aqui, lá, em qualquer parte. O Vitória apresentou Lobato; Cesário e Costa; Rebelo, Cerqueira e Silveira; Barros (ex-F. C. Porto), Artur (ex-Portimonense), José da Costa, Miguel e Rola, e os covilhanenses alinharam com Dias; Martinho e Couceiro; Martin, Cavém I e Cabrita; Loren, Tomé, Carlos Ferreira, Manteigueiro e Cavém II, debaixo do arbitragem de Clemente Henriques, do Porto.

Como dissemos atrás, Carlos Ferreira, logo no primeiro minuto marcou para a Covilhã e, cerca da meia hora, Tomé pôs o resultado em 2-0. A 25 m. da 2.ª parte, Rola, estabeleceu o resultado final de 2-1. Não assistimos ao encontro e das crónicas concluímos que este não foi brilhante, mas não podemos deixar de dizer que os vimaranenses lutaram de modo a conseguir aquele resultado que satisfizesse os seus adeptos. Não o alcançaram, mas trouxeram com eles, em números, o melhor de sempre. Registamos para comparação, todos os resultados obtidos pelo Vitória, na Serra da Estrela, em jogos deste Campeonato: 1948-49, derrota, 2-6; 49-50, d. 2-5; 50-51, d. 3-5; 51-52, d. 0-3; 52-53, d. 0-4; 53-54, d. 1-5; 54-55, d. 1-2.

Com os resultados desta jornada a classificação ficou estabelecida pela ordem seguinte: Benfica, 8 pontos (20-2); Académica, 7 p. (13-9); Sporting, 6 p. (16-5); Braga, 6 p. (12-9); Setúbal, 6 p. (10-9); Porto, 5 p. (13-7); Belenenses, 5 p. (10-7); Cuf, 5 p. (5-5); Barreirense, 4 p. (2-7); Lusitano, 4 p. (5-22); Vitória, 3 p. (7-9); Covilhã, 3 p. (5-14); Boavista, 3 p. (6-18).

Na jornada de hoje jogam Vitória-Belenenses; Barreirense-Lusitano; Académica-Porto; Atlético-Sporting; Setúbal-Braga; Benfica-Covilhã; Boavista-Cuf.

O Vitória recebe outro dos grandes, o que dá ao encontro da Amadora interesse especial. Os Belenenses que no domingo passado perderam em casa vão ser difíceis adversários, mas cremos que os vimaranenses desejosos de subirem na tabela da classificação, demonstrando o valor que de facto possuem, vão uma vez mais chamar a atenção para os seus méritos, conseguindo aquele resultado que lhes há-de permitir a evidência a que têm direito.

NOVA CAMPANHA de auxílio ao VITÓRIA

A convite da Direcção do Vitória reuniram-se, na passada terça-feira, na sede deste clube os delegados dos Sindicatos Operários de Guimarães, tendo também assistido os representantes da Imprensa local.

A reunião teve como fim estudar a melhor maneira de realizar o Dia do Trabalho do Vitória de modo a permitir a este clube uma fonte de receita que lhe permita uma vida mais desafogada. Os dirigentes do Vitória, com toda a clareza, demonstraram, uma vez mais, as dificuldades em que o clube se de-

Depois dos resultados da C. U. F. e do Covilhã, o Mestre Afonso, falou: —



Será necessário EU ir aí?...

APRENDER ATÉ MORRER...

(Coisas e... coisas)

8. — O que diz de Nossa Senhora da Oliveira um escritor nosso

O mosteiro da Condessa Mumadona, santuário consagrado à Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira, e venerado em todo o reino pelo milagre que deu origem à invocação, tornou-se mais tarde nessa real Colegiada, que disfruta honras quase de Sé.

O templo da Condessa Mumadona durou com poucas alterações até ao reinado de D. João I, que o fez demolir pelo seu estado de ruína, mandando construir o que hoje existe, o qual os cônegos modernamente deturparam, mascarando-lhe com estuques e doiraduras suas primitivas e venerandas feições. Todavia ainda conserva muitas antigalhas de alto aprego histórico e artístico. Em frente das primeiras portadas a pia em que S. Geraldo, arcebispo de

Braga, baptizou a D. Afonso Henriques, e o oratório de prata de D. João I de Castela, tomado na batalha de Aljubarrota por D. João I de Portugal, que logo o ofereceu com outros despojos de tão grande vitória a Nossa Senhora da Oliveira.

Vilhena Barbosa.

Dos arredores de Guimarães diz o mesmo abalisado escritor:

«Os subúrbios de Guimarães são encantadores. Em nossa opinião, nenhuma outra cidade de Portugal os possui melhores».

9. — Diu

A ilha de Diu, célebre pela riqueza do seu trato, lastimosa pela ruína de seus habitantes, illustre pela fama de nossas vitórias, está situada numa enseada e ponta que limita o reino de Cambaia, em altura de vinte e dois graus da banda do norte. Da antiguidade da sua fundação falam os naturais, dando-lhe princípios mais ilustres que averiguados, cujas memórias conservam suas tradições na falta dos escritos. Foi sempre o porto da enseada a princi-

pal escala frequentada das naus que navegam a Meca, cuja viagem fez aos mouros grata a religião e o comércio.

É a cidade apartada da terra firme por um estreito, que em torno a vai cingindo; pela qualidade do terreno é forte, e ajudando-se de arte a natureza, a faz mais defensável. O estreito que a rodeia faz duas bocas, uma ao norte, que por ser aparcelada e baixa, é ao serviço inútil; outra ao sul, também desacomodada pela aspereza do rochedo em que bate. Tem outro canal na face da ilha, onde podem ancorar navios, e deste recebe a cidade mais cómoda passagem.

Jacinto Freire de Andrade — Vida de D. João de Castro, L.º 2.º

10. — Minho

Estes rios, quase todos de suaves declives, não têm talvez iguais no mundo pela amenidade das margens, e pela abundância de peixes saborosos que nadam nas suas águas...

As estradas bordadas de carvalhos enredados em vides, donde pendem os cachos de uvas negras, se assemelham a longas ruas de quinta

ilimitada. Estas longas fileiras de árvores, enfeitadas de vides, e plantadas junto de murinhos de pedra solta, que dividem os campos, fingem ao longe um bosque fechado, ilusão nascida da grande divisão da propriedade, que torna mui próximas estas separações, estes marcos vegetais, testemunhas perenes do direito de cada qual ao campo que lhe herdaram seus pais.

Da antiga revista O Panorama.

11. — Portugal na Ilra de António Sardinha

Terra de Portugal, ó mãe sagrada, o teu passado adormeceu seguro de que através da secular jornada as almas caminhassem p'ra o Futuro. Não se arriscou um passo a mais na estrada e sempre que ao redor de mim procuro se alguém avista a Canaan sonhada, só me acho em frente do horizonte escuro.

No entanto, ó dia imenso em que o [Encoberto há-de surgir na clara luz da aurora, eu lá te sinto a estranha glória perto! Um grande anseio a nossa noite agita e de entre as sombras vem rompendo [agora, Manhã de sol e heróia, manhã bendita!]

12. — Nossa Senhora da Oliveira

No Auto da Índia, Gil Vicente descreve a vida de um soldado que esteve na Índia, e a quem a mulher conta muitas mágoas e aflições por que passou (dizia ela). E entre outras coisas disse, que, quando

bate, vivendo quase do auxílio constante de meia dúzia de dedicados associados, que do seu bolso têm possibilitado manter a situação de destaque que o clube possui. O Dia do Trabalho não será mais que um contributo de todos que permita ao clube realizar determinadas demarches de modo a contribuírem eficazmente para o seu desenvolvimento.

Os delegados dos Sindicatos promoveram da sua parte todas as facilidades para se conseguirem os fins em vista, comprometendo-se ainda a fazerem a propaganda necessária entre os seus associados, de modo que os resultados a alcançar sejam aqueles que os dirigentes do Vitória ambicionam. Vimos da reunião convencidos de que da colaboração que foi prometida se conseguirão os meios de que o clube tanto carece e que tanto merece pelo que representa de motivo de propaganda do nome de Guimarães através do País.

Por intermédio desta secção estamos também prontos a chamar a atenção de todos os trabalhadores do concelho de Guimarães para o dever que têm, em demonstração de carinho pelas instituições que o representam, de contribuírem com o seu auxílio que, pela modalidade como vai ser cobrado, nada custará a aqueles que o fizerem e que devem ser todos.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ºº

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

J. MONTENEGRO

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS — ALTA E BAIXA TENSÃO

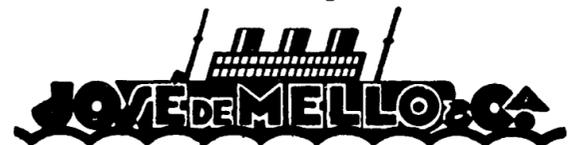
Largo 28 de Maio, 78-1.º — Tel. 4510

GUIMARÃES

224

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados.)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

o marido abalou, presagiando má ventura, recorreu a quem devia. São palavras suas:

E eu fui-me de madrugada a Nossa Senhora da Oliveira e co'a memória da cruz fiz-lhe dizer uma missa, e prometi-vos em comisa a Santa Maria da Luz. E logo à quinta-feira fui-me ao Espírito Santo com outra missa também.

Trata-se, com certeza, da Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães. Mesmo... não há outra!

13. — Ontem, como hoje

Escreve, e muito bem, Alexandre Herculano:

«A primeira organização militar do país, sucessivamente estabelecida em Portugal, explica as invencíveis resistências que durante a Idade-média uma nação pequenissima ofereceu sempre à dissolução interior e à conquista estrangeira: era um povo de soldados; o rei um general; mas general que tinha o que quer que era de pai de família, e ao mesmo tempo o carácter sacrosanto de ungido de Deus. Esta vida íntima da nação não podia ser anulada nem pelas ambições dos poderosos nem pelos cometimen-



COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial
2.ª Secção — 2.º Juízo

ANÚNCIO

1. publicação

No dia 5 de Novembro próximo, pelas 14 horas, no local e nos autos de carta precatória vinda do Tribunal do Trabalho de Braga, extraída dos autos de execução sumária em que é exequente a Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria Têxtil e executado Domingos da Silva Salgado, industrial, morador na freguesia de Nespereira, desta comarca, há-de proceder-se a arrematação em hasta pública, de dois teares «Jackard» de madeira, próprios para o fabrico de colchas de seda, pertencentes ao referido executado e de que é depositário António Augusto Portas Salgado, de Vizela. Os referidos teares serão postos em praça pelo preço de 10.000\$00 e o processo de que foi extraído o presente anúncio corre seus termos na segunda secção do segundo Juízo desta comarca. Guimarães, 8 de Outubro de 1954.

O Juiz de Direito, 410
Valdemiro Ferreira Lopes.

O chefe de secção,
António de Castro Pereira.

Continua...